

Os ambientes quarto e sala na moradia brasileira: uma trajetória do século XVI ao XXI

Ustane Moreira Puttini y Sônia Marques Antunes Ribeiro

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar aspectos da evolução do quarto e da sala na residência brasileira: organização espacial interna dos ambientes e relação com os demais espaços da moradia. Pressupõe-se que a evolução do quarto e da sala relaciona-se com as mudanças de hábitos de seus habitantes. Ao longo do tempo em momentos distintos da história do Brasil –períodos colonial, imperial e republicano– ocorreram mudanças na organização espacial da moradia. Observou-se, por exemplo, que, no início da ocupação do país, a não setorização dos ambientes na moradia atendia às necessidades daqueles que aqui chegavam para desbravar o território, pois sua permanência naquele espaço era provisória. A partir do século XIX, já com o intuito de se criar um espaço para morar e viver, a moradia foi subdividida com paredes para abrigar ambientes com funções cada vez mais especializadas, setorizando-se, o que perdura até os dias atuais. Concomitantemente, diversificaram-se os móveis e a sua utilização bem como a organização interna dos ambientes. Hoje, entretanto, percebe-se um retorno ao espaço arquitetônico único –como o *loft*– onde, não apenas a sala e o quarto, mas boa parte dos ambientes, são interligados entre si e definidos, basicamente, pelo mobiliário, refletindo, novamente, mudanças de hábitos de seus moradores –como o exercício de atividades profissionais em casa– o que permite fazer referências aos primeiros tempos do período colonial.

Revisão de literatura

Brasil - Colônia

No Brasil, durante o início da colonização os espaços da moradia não eram setorizados, sendo que um único ambiente atendia às diversas necessidades do morar do colonizador. Nesse período, os portugueses que chegaram para desbravar a terra ainda inexplorada levavam uma vida nômade, necessitando, apenas, de um abrigo passageiro. “Inicialmente, como o mais simples de nossos abrigos humanos, encontramos a cobertura única, [...] o que de mais simples pode haver em matéria de proteção. Construção precária, própria do viajante, só foi usada, porém, em emergências rápidas” (Vasconcellos, 2004, p. 24).

Com a fixação do homem à nova terra a maior parte das moradias passou a ser adaptada aos rigores do clima uma vez que os construtores levavam em conta “[...] a adoção de profundos alpendres [...] com a providência de se deixarem as paredes internas baixas e os cômodos sem forro, o que possibilitava ampla ventilação de todo o interior” (Lemos, 1979, p. 36). Nos povoados e vilas, a relação com a casa alterou-se e esta passou a contar com mais de um compartimento¹. Historicamente, sabe-se que no período colonial brasileiro, a sala das residências

mais abastadas localizava-se sempre à frente da casa e consistia em um salão de visitas. E, quando se encontrava no pavimento superior, acabava consistindo numa área de circulação exclusiva. Basicamente sua função consistia em receber os estranhos, sendo este momento um ato quase ritualístico, pois, na época, eram comuns os encontros ocorrerem em público, em espaços próprios como igrejas, praças ou câmaras. Algrantí (1997, p.114), por exemplo, menciona o “[...] confinamento doméstico das mulheres de elite, que em geral só saíam para as missas e mesmo assim sempre acompanhadas de mucamas ou parentes do sexo masculino”.

É interessante observar que as casas brasileiras dos pobres ou ricos, descritas pelos viajantes, apresentavam características comuns: “[...] umas eram simplesmente maiores que as outras, com menos superposições de funções da habitação, mas falando a mesma linguagem. Aliás, naquele tempo de colônia, não se progredia qualitativamente e sim quantitativamente” (Lemos, 1979, p. 104). A diferença, segundo o autor, encontrava-se no número e dimensão ampla dos compartimentos que tinham por finalidade refletir o poder do dono da casa.

O sistema patriarcal queria as mulheres, sobretudo as moças, as meninas, as donzelas, dormindo nas camarinhas ou alcovas de feição árabe: quartos sem janela, no interior da casa onde não se chegasse nem sequer o reflexo do olhar pegajento dos don Juans, tão mais afoitos nas cidades que no interior. Queria que elas, mulheres, pudessem espiar a rua, sem ser vistas por nenhum atrevido: através das rótulas, das gelosias, dos ralos de convento, pois só aos poucos é que as varandas se abriram para a rua e apareceram os palanques, esses mesmos recatados, cobertos de trepadeiras (Freyre, 2000, p. 228).

- Século XVII. A casa planejada para manter a família isolada e defendida

No século XVII, relata Donato (2005), a casa era planejada para manter a família isolada e defendida. Tanto era assim, que ao receber um viajante, este não passava do quarto de hóspedes que tinha a porta voltada para o exterior, sem o acesso ao corpo principal da casa (Veríssimo & Bittar, 1999). Sua comunicação se dava apenas com o dono da casa ou com quem este indicasse. Nas habitações rurais mais abastadas, por exemplo, o quarto de hóspedes apresentava-se separado e abrindo-se para a varanda, preservando desse modo a vida íntima da família (Algrantí, 1997, p. 93). Na época, o rigor da moral era levado de forma severa, a “[...] ponto de gente estranha e mesmo parentes somente serem admitidos no alpendre ou varanda. Nos primeiros contatos, no máximo chegavam até a sala-de-fora, sem a presença de mulheres. A escrava é que levava à sala o pouco a ser oferecido ao visitante” (Donato, 2005, p. 98).

Os quartos permaneciam fechados e reservados, destituídos de ventilação e iluminação direta –eram as famosas alcovas. Freire (2000) reforça o rigor do sistema patriarcal da época, ao dizer que, para preservar as mulheres dos olhares e assédios públicos, criavam-se alternativas na construção, como as alcovas ou quartos sem janelas no interior da casa. Assim, elas não seriam vistas pelos homens de fora da família, ou elas espiariam as ruas através das rótulas sem que fossem vistas.

Ainda no século XVII, a residência apresentava ambientes masculinos separados dos femininos. Havia aquele ambiente específico para o trabalho das mulheres “[...] a dona da casa, as filhas, as parentas, as hóspedes, as empregadas e escravas. Ligava-se, por uma porta reforçada, ao quarto das moças, o único a dispor de espelho e tocador [...]”. Normalmente, o quarto das moças situava-se “diametralmente oposto ao quarto dos rapazes” que “[...] dormiam em redes, aquelas em catres que pelo meio do século mudaram para camas cercadas já por alguns móveis representantes de conforto”² (Donato, 2005, p. 141). Próximo ao quarto principal, havia a capela doméstica que se comunicava com o quarto do senhor. A escravaria estava autorizada a participar da missa. Nessa capela reuniam-se “[...] as mulheres, pela ordem de idade e autoridade familiar. A porta do quarto-capela permanecia aberta em ângulo tal que elas não podiam ver senão o altar. Nem podiam ser vistas pela gente aglomerada ali fora” (Donato, 2005, p. 141).

- Século XVIII. O viajante permanece isolado da família. No século XVIII, a presença da alcova ainda é marcante. “A casa é sua. Esta, a recepção ao viajante que batia à porta das moradias rurais. Recebia comida e cama, por uma noite. A cama ficava na alcova, [...] Assim, não havia comunicação com a família hospedeira” (Donato, 2005, p. 200). Como se percebe, o hábito de manter o viajante isolado da família atravessou os séculos. Mas, se nas casas abastadas a cama resguardada por cortinado prevaleceu, nos ranchos, nas pousadas e nos sítios as redes não foram abolidas. E, em casas de “gente bem” ou do povo, era o lugar da sesta e de honra para a visita, diz o mesmo autor.

Quanto à sala de visitas, era costume por todo o Brasil, adorná-la com “[...] o espelho em moldura dourada no centro da parede, quase sempre fronteiro à janela, e nessa direção o tapete com sofá, e cadeiras em jacarandá e sola com pregaria dourada [...]”. Assim Almeida³ (1975), citado por (Donato, 2005, p. 200) descreveu as casas sulistas desta época.

Salas eram, também, construídas em cada lado do alpendre ou da varanda, tão presentes nas casas brasileiras. E, quando, no fim do século, surgiu o varandão, este veio a ser a sala de jantar (Donato, 2005).

Brasil - Império

- Século XIX. A família real influencia o comportamento social

No século XIX, com a chegada da família real no Rio de Janeiro em 1808, o comportamento social teve que ser alterado, pois o ato de receber passou a ser incentivado pela corte, o que também levou a uma alteração nos hábitos patriarcais, até então, muito arraigados. A casa dos “fidalgos imigrantes”, conforme Veríssimo & Bittar (1999, p. 61) “[...] introduz grandes salões de festas, papéis franceses nas paredes, *parquets* no piso, rodapés altos, bandeiras com ramícelos de delicados desenhos, ferragens elegantes e importadas, manufaturados importados oriundos da Abertura dos Portos”. A classe média e popular, à medida que seus recursos financeiros permitiam, tenta seguir a tendência do “[...] vocabu-

lário espacial proposto, nem sempre coerente com a real forma de vida de seus moradores” (Veríssimo & Bittar, 1999, p. 61).

Em algumas casas mais abastadas, encontravam-se salas com funções específicas para os hábitos sociais, que podiam dividir-se entre o receber, ouvir música ou até fumar em ambiente adequado. Segundo Brito (2003, p. 280) os ambientes internos das residências passaram a refletir as mudanças advindas entre o espaço público e o privado, notados principalmente pela progressiva especialização dos “[...] cômodos das camadas privilegiadas, ditando nova orientação para as atitudes privadas das famílias, ao contrário do que ocorria nos ambientes superlotados e multifuncionais das casas populares”. Surgiram, então, áreas sociais com diversas funções específicas: *hall*, recepção formal, sala de espera, sala de estar, sala de jantar, sala de jogos, *fumoir*, sala de música, escritório, gabinete, biblioteca, *boudoir* entre outros ambientes.

Há que se chamar a atenção para a regularização do abastecimento de água nos centros urbanos, em meados do século XIX, com a introdução da água corrente nas casas – “[...] os novos hábitos e costumes disseminados após a instalação da corte portuguesa no país, em 1808” – que também contribuiu para a transformação da vida doméstica. Assim, “[...] enquanto a cidade assistia aos movimentos da progressiva modernização do espaço público, a população familiarizava-se, cada vez mais, com os novos padrões de consumo e hábitos das sociedades européias, que ditavam a reformulação do espaço doméstico (Brito, 2001, p. 174).

A idéia de conforto passou a adquirir ênfase e a população cada vez mais reviu seus princípios de comodidade diária no interior da casa (Brito, 2001) e passou a considerar a funcionalidade como um dos requisitos básicos de bem-estar: “[...] os princípios de conforto também passam a se associar à questão do tamanho da casa, pois uma casa menor, além da economia de dinheiro e de tempo na construção, proporciona também maior facilidade de manutenção e uso e, por esse motivo, maior conforto” (Brito, 2001, p. 179).

Embora os hábitos patriarcais até então vigentes fossem rigorosos, Brito (2003) diz que eram as donas de casa que definiam a organização interna do espaço doméstico e que havia material impresso específico que as orientava neste sentido. Nessas obras “[...] encontrava-se, entre outras, informações sobre o posicionamento adequado de equipamentos tradicionais; a invenção de mobiliários específicos como gavetas, armários embutidos, bancadas; os sistemas de aquecimento e ventilação; a água encanada, os pontos de luz etc.” (Brito, 2001, p. 178).

Freire (2000) reforça o papel das donas de casa que arrumavam suas mobílias nos ambientes domésticos e como a disposição dos móveis refletia a hierarquia patriarcal predominante no século XIX. Geralmente, ao redor da mesa, ficavam as cadeiras para o senhor e os convidados; as demais pessoas da casa sentavam-se em mochos ou tamboretas. Era comum sentarem-se em esteiras para comer no chão. “Parece que só nas casas mais finas sentavam-se todos em cadeiras – a do patriarca, à cabeceira da mesa, sempre maior, de braço, uma espécie de trono, como as cadeiras dos mestres-régios na sala de aula” (Freire, 2000, p. 249).

É importante lembrar que o arranjo hierárquico dos sofás e cadeiras atravessou todo o século XIX (Freire, 2000). Com relação à sala de visitas, Freire (2000, p. 249) ainda ressalta a simetria rígida com que o mobiliário era ali disposto: “[...] o sofá no meio, de cada lado uma cadeira de braço, e em seguida, várias das cadeiras comuns. Às vezes, uma mesa, com um castiçal grande em cima”.

Já nas alcovas encontravam-se camas que eram enormes. Em volta da cama, balaies e baús para guardar a melhor roupa, completavam o quarto de dormir patriarcal, “[...] nos sobrados ou casas típicas do Rio de Janeiro ou de Salvador ou Recife” (Freire, 2000, p. 253). Eram raros, segundo Luccock⁴ (MDCCCXX, citado por Freire, 2000) os guarda-roupas em 1808. Vinte anos depois já eram encontrados com relativa frequência. Em meados do século podiam ser vistos guarda-roupa, armários, toucador, consolos, aparadores e pianos grandes.

O século XIX apresentará habitações preservando o estilo português, assim como diferenças entre as habitações do sertão, das vilas e das cidades litorâneas. “Nas cidades e nas vilas maiores os construtores insistiram no estilo português. As casas de gente de bem reservavam o andar térreo para a loja ou depósito; o segundo para a moradia familiar. Quando havia, o terceiro acomodava os escravos domésticos” (Donato, 2005, p. 262).

Os quartos, por sua vez, permaneceram fechados e reservados, destituídos de ventilação e iluminação direta –eram as tão famosas alcovas que representavam uma das causas das inúmeras doenças que afligiam a população. Em São Paulo, a pequenez da frente das casas em relação a seus fundos dificultava a organização do plano de construção. Assim, conforme o “*Suplemento Feminino*– A Província de São Paulo⁵”, de 1875, os antigos construtores “[...] criaram um tipo de casa [...] que se tem conservado até nós quase sem modificação, apesar dos melhoramentos que tem tido a cidade e do aperfeiçoamento da disposição arquitetônica da fachada, que se nota ultimamente”.

A partir do século XIX, modificações na relação da sala com o exterior foram observadas. Tais mudanças eram decorrentes tanto das mudanças sociais como da adequação ao novo lote. “A sala antes fechada, abre-se para o espaço externo através de amplas e arejadas janelas, articulando-se com o alpendre-corredor lateral que permite comunicação direta com o jardim” (Veríssimo & Bittar, 1999, p. 62).

Era comum, no séc. XIX, encontrar casas brasileiras decoradas com modelos europeus, já que o apogeu das importações aqui se fez presente neste período. Assim, havia salas que apresentavam pinturas com paisagens ideais, mas com características do outro continente como montanhas nevadas e vulcões em erupção. Algumas casas chegaram a ser construídas tal como na Europa. Veríssimo & Bittar (1999, p. 63) citam os “chalés [...] com seus lambrequins de madeira ou ferro, nos beirais, seus porão elevado, o ferro fundido em balcões, pilares e vigotas com seu ar de clima temperado, trazendo a visão romântica de espaços ideais [...]”.

Freire (2000) também faz referências à decoração das salas de visitas das residências citando descrição de Saint-Hilaire.

Nas salas das casas mais antigas, viam-se pintadas figuras e arabescos; nas das casas novas, a pintura imitava papel pintado. As mesas faziam às vezes das chaminés das casas da Europa: eram nelas que se colocavam os castiçais com as mangas de vidro, as serpentinhas, os relógios (Freire, 2000, p. 249).

Ainda, segundo Freire (2000, p. 249-250) os jornais da época davam notícias sobre o que estava na moda:

[...] de candeeiros para mesa chegados de Paris como os que aparecem num anúncio do *Jornal do Commercio* de 25 de outubro de 1848: ‘candeeiros para mesa, de pregar na parede, suspender, (sic) etc., de todas as qualidades’, e do ‘último gosto’. Nas casas mais elegantes rebrilhavam os lustres [...].

Brasil - República

- Século XIX. Nova rotina doméstica, novo planejamento arquitetônico

Quando da Proclamação da República, em 1889⁶, já não havia escravos e a rotina doméstica alterara-se bastante trazendo como consequência modificações no planejamento arquitetônico. Por causa da presença da empregada doméstica, que “[...] fazia de tudo, mas principalmente cozinhava, os lares foram se organizando de modo algo diferente quanto à disposição dos compartimentos e, também, no que toca às circulações horizontais” (Lemos, 1979, p. 129). Nas casas térreas, havia uma circulação que levava para o exterior “[...] da rua ao quintal, ou ao complexo varanda-cozinha e a outra, íntima, ligando a sala fronteira à mesma varanda, atravessando os quartos ou por via de um corredor longo e escuro” (Lemos, 1979, p. 129). O autor lembra que as casas ainda eram “estreitas e compridas” e que a janela da sala ficava sobre o alinhamento da rua.

Donato (2005, p. 290) faz referências ao fazendeiro, beneficiado pelas exportações de café, que mantinha, nesta ocasião, duas casas, uma na fazenda e outra na cidade. A casa localizada na cidade “[...] era feita de pedras ou alvenaria de tijolos. [...] Salões espaçosos abrigavam bailes e serões musicais. Muitas janelas, amplas, com vidros, resguardadas por cortinas de seda”. O luxo era reservado à casa localizada na cidade, enquanto a ênfase ao conforto e à utilidade era voltado para a fazenda. As casas das fazendas pouco mudaram com o correr dos anos apresentando numerosos quartos, uma capela, além de alpendres e varandas contornando a casa. “A sede da fazenda cafeeira compreendia ‘construção alta, esparramada, largos alpendres com flores e redes, varandas amplas, dezenas de quartos, salões. Fora: paiol, curral, casa dos carros e das máquinas, do administrador, do feitor, a senzala [...]’ (Donato, 2005, p. 290).

- Século XX. Priorização da segurança e mais uma vez o acúmulo de funções

Quanto aos valores sociais, estes sofreram mudanças e o culto ao interior da casa –no sentido de permanecer mais tempo dentro dela– voltou a ganhar consistência, refletindo, inclusive, na habitação. Neste caso, para não interferir na privacidade do morador, o setor social, como as salas de festas e churrasqueiras, em muitas ocasiões, passou a se localizar exteriormente à própria

residência. Por outro lado, pequenas mudanças, advindas de um novo mobiliário, de um equipamento mais moderno –como o computador– abriram caminho para um espaço híbrido –o antigo quarto– que passou a acumular funções como repousar, estudar, receber (Veríssimo & Bittar, 1999). Brito (2001, p. 183) diz que os ambientes residenciais passaram a ser agrupados de forma a preservar os espaços privados, ou seja, o agrupamento se deu “[...] em torno do estar e do lazer, do repouso e da higiene pessoal e dos serviços domésticos, tendo sua independência garantida pela valorização do *hall*, do vestíbulo e do corredor de passagem [...]”.

A valorização da segurança passou a ser priorizada e a habitação a refletir novos hábitos de viver. “As funções acumuladas incorporam mais uma: o trabalhar em casa, realizado por profissionais liberais ou prestadores de serviços, que utilizam [...] o microcomputador, individualizando cada vez mais o ex-social-homem” (Veríssimo & Bittar, 1999, p. 86).

É, também, no início do século XX que o acesso à iluminação, ao aquecimento e à utilização de pequenos motores traz conseqüências para as transformações nos hábitos domésticos no Brasil. “O aumento progressivo do uso da eletricidade nas residências irá colaborar diretamente no processo de transformação da casa, alterando substancialmente seu traçado arquitetônico e a distribuição dos espaços [...]” (Brito, 2001, p. 205). A autora cita ainda a criação de novos espaços adaptados ao lazer noturno.

Com a República, a classe alta passou a ocupar as áreas de praia da cidade valorizando-a intencionalmente. Ainda eram encontrados grandes salões, porém as circulações diminuíram em extensão, e a cozinha se aproximou da sala, sendo valorizada agora como espaço social. A sala ainda comandava a composição do setor de receber da casa, e revelava preocupação com as características estéticas e espaciais. “Aumentam também em número, atingindo quantidades surpreendentes, que acabam ‘batizadas’ por cores ou estilos que as compõem, nem sempre com uso definido, mas sugerindo a qualidade pela quantidade” (Veríssimo & Bittar, 1999, p. 66).

Década de 20. O rádio surge e é garantido seu lugar nas salas de visitas

A década de vinte chegou trazendo consigo a discussão formal e estética, mas também, a valorização do nacionalismo e da tradição. A preferência pela influência francesa –o eclétismo– perdeu para a valorização da arquitetura luso-brasileira –o neocolonial. Aqui, também, a influência de revistas americanas começava a despontar. Algumas alterações são percebidas nas plantas em relação às anteriores como os espaços internos valorizados por mobiliário requintado do século XVIII. “[...] A área social continua no térreo mas com banheiro social, enquanto o setor íntimo irá para o pavimento superior e o serviço encontrará lugar junto ao quintal, que abriga o alojamento dos empregados” (Veríssimo & Bittar, 1999, p. 68).

Quase simultaneamente, houve uma corrente modernista numa linha racional –os escritos de Le Corbusier e de outros arquitetos começavam a chegar ao Brasil– que valorizou o espaço limpo e asséptico. A casa, o espaço e equipamentos se geometrizarão, e as salas se abrirão

com vãos guarnecidos por esquadrias de vidro e ferro importados. Ainda, para a proteção do sol tropical, foram adotadas cortinas de tecidos pesados que acabaram por tornar o ambiente sufocante (Veríssimo & Bittar, 1999, p. 70).

Embora uma corrente modernista tenha se feito presente, havia aqueles que estavam mais afeitos à arquitetura europeia regional. “Europeizados”, adotavam os *bungalows* e casas normandas, como uma forma de perpetuar os valores europeus, o que pode ser verificado na definição do espaço nas plantas até então usadas. À decoração dos ambientes, acrescentava-se ainda uma “[...] lareira, um tapete importado, uma luminária europeia, ou mesmo uma paisagem romântica presente num tapete ou quadro nas paredes, além da falsa estrutura de madeira das fachadas” (Veríssimo & Bittar, 1999, p. 70).

No final da década de 20 começaram a despontar os primeiros edifícios de apartamentos, em São Paulo e Rio de Janeiro, destinados inicialmente à classe média, interpretados como uma casa empilhada em cima da outra, ou seja, sem apresentar uma modificação substancial nas plantas (Veríssimo & Bittar, 1999).

É, também, na década de 20 que o país assistirá “[...] à consolidação e expansão do uso da eletricidade no espaço doméstico das grandes cidades” (Brito, 2001, p.194). “A eletricidade tornava-se, assim, no início do século XX, um serviço imprescindível”. O rádio passa a ser uma fonte de lazer e socialização. Na segunda metade da década de 20 as emissoras de rádio apresentavam uma programação bastante elitizada e, portanto, o seu público era reduzido e “[...] as poucas emissoras de rádio existentes eram regulamentadas pela Companhia de Telégrafos. [...] A partir de 1927, com o barateamento do seu preço final proporcionado pelos avanços tecnológicos no setor, o rádio se tornaria mais popular” (Brito, 2001, p. 218).

Década de 30. O setor social ainda é formal e destinado às visitas.

Os anos 30 marcaram, na arquitetura, a chegada do “estilo moderno” identificado por *art déco*. “Muitas casas desse período passaram a apresentar varandas e jardins, o que representou a intenção de estabelecimento de uma fronteira entre o público (a rua) e o privado (o lar), inexistentes nos padrões antigos de alinhamento das cidades brasileiras [...]” (Brito, 2003, p. 280). Até então, as construções se erguiam diretamente sobre as calçadas. As habitações abastadas já apresentavam uma garagem localizada na frente da casa. Nos subúrbios, ainda não havia a presença de garagens, mas encontravam-se a varanda, grandes quintais, árvores frutíferas, jardins e ruas arborizadas.

Quanto aos valores sociais, estes ainda permaneciam os mesmos, com o setor social, formal, destinado às visitas. Havia ainda, quando o poder aquisitivo permitia, todo um rebuscamento decorativo e mobiliário à europeia, bem como hábitos franceses de receber. A ideologia dos americanos, que chegara com o século XX, ainda estava em estágio embrionário (Veríssimo & Bittar, 1999). A copa, nas casas das classes médias, era o local de reunião preferido pelos familiares, o que tornou as salas de visitas um local de pouco uso e reservado para ocasiões especiais como os aniversários. Quanto ao mobiliário,

nas “[...] salas de visitas, a função da mobília passou a ser antes a de definir o *status* da família do que o uso cotidiano, propriamente” (Brito, 2003, p. 285).

O rádio, que, conforme já foi dito, surgiu nos anos 20, teve lugar garantido nas salas⁷ e em torno dele a família reunia-se para ouvir as notícias da época. Mais adiante, o aparelho foi transferido para a copa, e por ele chegavam as notícias “verdadeiras” e o mundo ficcional, por meio das radionovelas. “Salas simples, pouca mobília, porém o rádio já começa a despontar como companheiro inseparável, em torno do qual toda a família se reúne para ouvir [...] as notícias que chegam diretamente aos lares mais rapidamente do antes” (Veríssimo & Bittar, 1999, p. 74). Brito (2001, p. 220) diz que “[...] nos anos 1930, o rádio se tornaria fundamental elemento de socialização, promovendo a reunião familiar e a divulgação de novos valores de comportamento social, a exemplo do que aconteceria alguns anos mais tarde com a televisão”. Comum na década de 30, “Os aparelhos de rádio do tipo capelinha eram colocados em cima dos armários e guarda-comidas e a escuta era preferencialmente coletiva. Os familiares reuniam-se em volta da mesa para acompanhar as peças teatrais irradiadas e as novelas, durante as refeições” (Brito, 2003, p. 284).

Década de 40. Racionalização dos espaços e novos hábitos domésticos

A década de 40 encontrou a sociedade brasileira fascinada pelo *american-way-of-life*, abandonando, em grande parte, seus hábitos franceses, já quase tradicionais. Com as residências houve a preocupação com a racionalização dos espaços e o uso de novos equipamentos e aparelhos domésticos. “Nas plantas das novas casas e dos apartamentos construídos nessa etapa restringiu-se o setor social, que ficou limitado a uma sala ligada diretamente à cozinha ou a um jardim de inverno” (Brito, 2003, p. 287).

Todavia, conforme Brito (2003, p. 286), “[...] o ritmo de crescimento das cidades brasileiras, em especial no que respeita ao processo de verticalização, sofreu uma desaceleração durante a Segunda Grande Guerra Mundial, em razão das dificuldades de importação de material de construção [...]”. Mas é nesta década que surgirá o apartamento com dimensões mínimas, “composto por sala, quarto, banheiro e quitinete”. As camadas mais pobres da população também tiveram seus hábitos alterados quando da construção dos conjuntos habitacionais que utilizaram os edifícios de apartamentos. Até então, tais moradores estavam acostumados “[...] aos espaços de trabalho e lazer coletivos existentes nas vilas e ruas dos bairros suburbanos” (Brito, 2003, p. 290).

Em 1940, Brito (2001, p. 202) diz que “[...] os dados do recenseamento geral deixavam entrever a velocidade em que a eletricidade penetrava nos lares das grandes metrópoles [...]” e que o uso generalizado da energia elétrica no Brasil “[...] ao menos entre as classes privilegiadas, pode ser comprovado pela proliferação de anúncios de lâmpadas, equipamentos e serviços especializados de instalações elétricas nas principais revistas da época”. Os rádios, acoplados às vitrolas, passaram a fazer parte de ambientes como a sala de estar. Ali ficavam as “[...] radiovitrolas –ou rádios combinados a vitrolas,

com agulhas de aço cambiáveis– para ouvir os discos de música brasileira [...]” (Brito, 2001, p. 202).

Década de 50. A televisão ganha destaque nas salas de visitas

Na segunda metade do século XX, a arquitetura moderna já se impunha e em seu bojo a racionalização do espaço tendeu a se tornar uma obsessão. Devido à influência norte americana, muitos apartamentos passaram a ser encontrados numa versão mais compactada.

As habitações apresentaram fachadas retilíneas, formas geométricas simples, janelas de correr e a garagem começou a compor estas habitações. A varanda continuou presente e funcionava como filtro entre a rua e a sala. Também, grandes conjuntos habitacionais foram produzidos, mas foram comprometidos pelo uso dado e o seu tamanho exíguo, onde num único compartimento comungavam sala-quarto-jantar associados a dois cubículos que faziam às vezes de cozinha e banheiro (Veríssimo & Bittar, 1999).

Brito (2003, p. 293) diz que as “[...] grandes mudanças na direção da “americanização”, em especial nas residências das classes média e alta, ocorreram, sobretudo, a partir dos anos de 1950, com o advento das casas com jardins projetados, telhados escondidos e garagens em destaque”. Neste período, houve tentativas de se incorporar a cozinha à sala, porém, como o sistema de exaustão não se mostrava eficiente naquela ocasião, e era incompatível com os condimentos brasileiros utilizados para os refogados e frituras, tal incorporação mostrou-se inadequada.

Nos anos 50, a televisão foi lançada no mercado nacional, era importada e somente para poucos. Sua introdução no ambiente residencial provocou novas exigências e mudanças nos hábitos domésticos que levaram a privilegiar a sala de estar como o local mais adequado à sua instalação, diferentemente do que ocorrera com o rádio, até então localizado preferencialmente na copa cozinha. A família, agora necessitava de um local onde pudesse se acomodar confortavelmente para ver e ouvir as notícias e novelas, diferentemente do rádio, que podia ser ouvido independentemente de se estar realizando uma atividade, e de onde quer que estivesse. Conforme Brito (2003, p.294) a televisão necessita, então, de um local específico, porque fixa o espectador num determinado lugar e por muito tempo. Desse modo, a sala de estar foi eleita para comportar um aparelho que naquela época era considerado um móvel, tal como os sofás e poltronas. Aspectos como conforto e distância entre o espectador e o aparelho deveriam ser levados em conta, assim como a posição a ser ocupada naquele ambiente para permitir boas condições de visibilidade. Essas necessidades contribuíram para que o centro de interesse se deslocasse para a sala de estar o que fez com que o tempo de permanência na copa e cozinha fosse reduzido. “A televisão determinou nas moradias ricas e de classe média o desaparecimento da copa como principal local de reunião, unindo a sala de jantar à sala de estar e popularizando um novo tipo de mobília de sala, mais moderno” (Brito, 2003, p. 294).

A televisão, segundo Brito (2003, p. 294) demonstrava sinal de prestígio, até porque era muito cara, e, além disso, “[...] constituía o centro das atenções, ocasiões em que aqueles que não possuísem seus próprios apare-

lhos podiam se beneficiar da hospitalidade dos parentes, amigos e vizinhos”. O termo ‘televizinho’ surgiu nesta ocasião e era “[...] o espectador que pedia licença ou era sistematicamente convidado para assistir os programas, mesmo que fosse pelo lado de fora das janelas”.

Nesta ocasião, as construções de casas e apartamentos utilizavam materiais modernos como o alumínio e o vidro. Aparelhos de ar condicionado passaram a ser usados nas áreas de repouso e nas salas como uma forma de “[...] contrabalançar a ampla quantidade de luz e aquecimento proveniente da exposição ao sol” (Brito, 2003, p. 298). Essas necessidades passaram a ser levadas em consideração a partir do momento em que as construções começaram a ser erguidas em lotes estreitos e que não consideravam os padrões de orientação adequados. “Da mesma forma, uma vez que a televisão agora permitia à família olhar ‘para fora’ e ver o mundo de uma maneira que dispensava a paisagem vista das janelas, os grandes panos de vidro foram muitas vezes guarnecidos por cortinas de tecidos escuros” (Brito, 2003, p. 298).

Década de 60. O quarto passa a acumular funções

Os anos 60 reafirmam o sucesso dos edifícios de apartamentos e incentivam o ideal da casa própria. O número de apartamentos e casas construídas se equipou, mas estas passaram a ser padronizadas para que pudessem ser construídas em série. O grau de personalização ficou por conta apenas quanto ao uso de cores diferenciadas para os interiores. E as casas deveriam ter como elemento fundamental a garagem, de preferência à vista, pois o carro passou a ser símbolo de ascensão social (Veríssimo & Bittar, 1999). Segundo Brito (2003), nos anos de 1960, a mudança mais importante foi verificada quando da superposição das funções de diversos ambientes dada à exequitude dos espaços disponíveis dos apartamentos agora popularizados. “Foram alteradas as funções dos aposentos de repouso, que passaram a servir ao mesmo tempo de sala de estar ou sala de visitas particular para o ocupante do mesmo espaço, que assim passou a possuir uma área social própria” (Brito, 2003, p. 299).

A casa, segundo Brito (2003, p. 300-301), foi “[...] fragmentada em várias zonas de estar exclusivo, atreladas a uma zona de lazer e comer comunitária”. Quanto aos quartos dos jovens, “[...] passaram a receber tratamento adequado a essa nova característica, com mobiliário permitindo a superposição de atividades de estudo, lazer e descanso, com a introdução de aparelhos de TV portáteis e de som estéreo”.

Década de 70. Destaque para a sala de TV

Na década de 70, a televisão foi o principal veículo de vendas de ilusões. “Este eletrodoméstico, agora também em cores, passou a ocupar, cada vez mais, lugar de destaque no espaço da sala da classe média ou até mesmo receber um aposento especial para sua utilização, uma sala de TV, em camadas mais abastadas” (Veríssimo & Bittar, 1999).

Os equipamentos se sofisticam, surgem as salas de jogos, saunas, ciclovias, bosques, jardins, piscinas, que passam a conformar verdadeiros clubes que originariam o condomínio do final da década de 70 (Veríssimo & Bittar, 1999).

As residências da classe média procuraram melhorar sua fachada ou trocar a pintura de seus interiores por revestimentos mais modernos. A segurança passou a ser a palavra-chave e conduziu a classe alta para áreas nobres próximas de parques, montanhas ou mesmo do mar, afastadas dos grandes centros comerciais. Os condomínios fechados passaram a ser a solução das classes mais abastadas, para se protegerem, e, de preferência, realizarem todas as suas atividades –moradia, alimentação, escola, recreação– naquele espaço. Apenas o trabalho era realizado no exterior (Veríssimo & Bittar, 1999). Nos anos 60 e 70 o banheiro ganhou espaço e se ligou diretamente ao quarto de dormir (Donato, 2005), dando origem à suíte do casal.

Década de 80. Setor social localizado exteriormente à própria residência

Na década de 80, cada membro da família teve direito a uma TV exclusiva, dada a facilidade do crédito e a expansão da indústria nacional. O culto à interiorização do indivíduo tornou-se mais consistente, refletindo inclusive na habitação, onde o setor social, em muitas ocasiões, foi localizado exteriormente à própria residência: as salas de festas, a churrasqueira, as salas de jogos, as piscinas. “Os hóspedes cumprem o seu papel; o anfitrião também representa o seu, e o contato social foi estabelecido, sem intimidade, como no período colonial” (Veríssimo & Bittar, 1999, p. 86).

A entrada do computador no quarto vai contribuir para transformar este ambiente em um espaço híbrido que passa a acumular as funções de repousar, estudar e receber. O espaço do quarto torna-se agora “[...] individualizado-socializado, nesses tempos de viagens para o ego” (Veríssimo & Bittar, 1999, 86), pois o indivíduo se comunica com o outro por meio eletrônico –internet.

O interior das casas sofre poucas alterações dizem Veríssimo & Bittar (1999), ao incorporar mais uma função àquelas já acumuladas: “[...] o trabalhar em casa, realizado por profissionais liberais ou prestadores de serviços, que utilizam um novo protagonista, presente cada vez mais no cotidiano das pessoas: o microcomputador, individualizando cada vez mais o ex-social-homem” (Veríssimo & Bittar, 1999, p. 86).

Década de 90. O conceito de *loft* inspira projetos para moradores com estilo de vida diferenciado

A década de noventa incentivará o uso de espaços integrados, principalmente para as pessoas descasadas, solteiros e casais sem filhos. No Brasil, os projetos passam a levar em conta o conceito de *loft*. A idéia por detrás das construções dos *lofts* brasileiros difere da idéia de apropriação do espaço dos galpões pelos norte-americanos: apresenta uma estrutura “[...] pensada para possibilitar alterações do espaço interno, de acordo com a vida dos moradores. Um casamento, a chegada dos filhos, uma separação, talvez um novo casamento são fatos previstos tecnicamente na construção” (Isto É, 19 jun. 1997). Em Nova York, o *loft* surgiu no SoHo (abreviatura de South of Houston Street) na década de 70, quando antigas fábricas que funcionavam no local começaram a migrar para o subúrbio, deixando para trás enormes galpões que setorizados tornaram-se moradias cujo objetivo era

tornar o espaço confortável aos moradores. Tais construções se caracterizam por um pé direito alto, vãos livres e espaço interno amplo –o que atendia às necessidades de alguns artistas para trabalharem suas criações. Estes espaços, até então, eram clandestinos, porém mais econômicos para morar e trabalhar⁸. “Em um só ambiente, convive-se com toda a casa: salas, quarto, varanda e escritório, são abertos, divisões são permitidas apenas em banheiros e eventualmente na cozinha” (Martins, 2005).

- Século XXI. Ênfase nos espaços integrados: o conceito de *loft*

No início do século XXI, o mercado imobiliário brasileiro investirá cada vez mais em espaços integrados com o conceito de *loft* associado. No Brasil, alguns anúncios divulgados em site chamam a atenção para o *loft* como uma “[...] nova proposta de moradia” a fim de atender novas demandas (Martins, 2005)⁹ advindas principalmente de novos perfis de moradores. “Sinônimo de sofisticação, conforto, comunidade e modernidade (que) abriga jovens empresários, pessoas de meia idade, solteiros, gente que optou por viver sem família e tem um bom padrão de vida” (Lofts, 2008)¹⁰ encontram no *loft* uma comodidade que somente a tecnologia atual pode fornecer. O objetivo é que os ambientes integrados procurem refletir um público sofisticado que tem a idéia de liberdade associada à de conforto proporcionado pelo o que há de mais moderno.

Também para contemplar aqueles que desenvolvem suas atividades profissionais em casa, procedimento que tem se tornado cada vez mais freqüente, há uma tendência no mercado imobiliário brasileiro em investir no que há de “[...] mais moderno em termos de praticidade”: o *loft* (Construção, 2002)¹¹. O espaço, organizado a partir deste conceito tem como objetivo contemplar aquelas pessoas que trabalham em tempo integral, levam uma vida agitada e têm pouco tempo para cuidar de uma casa. São os hábitos atuais ditando novos costumes que se refletem em novas construções e ambientações. Martins (2005) diz que embora os *lofts* brasileiros tenham como peculiaridade não ser tão antigos como os de Nova York, correspondem a uma idéia atual que está sendo colocada em prática nas novas construções com todo o conforto e funcionalidade proporcionados pelos materiais mais modernos.

O pé direito duplo dos galpões –marca registrada dos *lofts*– confere ares de modernidade e referenciam os antigos espaços industriais e comerciais de Nova York que foram adaptados para residências (Construção, 2002)¹². No Brasil, as novas construções com pé direito duplo –a idéia espacial é o ponto forte na arquitetura do imóvel destinado ao *loft*– são divididas em piso térreo e superior. De um modo geral, no primeiro piso localizam-se “[...] as salas de estar e jantar, varanda, lavabo, cozinha e área de serviço e, no segundo, localizam-se o dormitório, a saleta e o banheiro social. Excetuando os banheiros, não existem divisões entre os cômodos” (Construção, 2002)¹³.

Desenvolvimento

Material e métodos

Para alcançar o objetivo proposto, lançou-se mão, metodologicamente, do levantamento de dados por meio de pesquisa bibliográfica e revisão de literatura possibilitando ampliar o leque de informações relacionadas ao tema em questão.

Resultado e discussão

Desde o período colonial até os dias de hoje, muitas mudanças ocorreram no quarto e na sala tanto no que diz respeito à organização espacial interna do ambiente quanto na sua relação com os demais espaços na arquitetura da residência.

Tem-se, num primeiro momento, habitações precárias com cobertura única usadas para atender às necessidades de abrigo imediato, pois, os portugueses que aqui chegaram levavam uma vida nômade. À medida que o colonizador passou a se fixar à terra, a moradia passou a ser adaptada às necessidades do novo habitante de modo a preservar e garantir a segurança de sua família. Hábitos familiares, que historicamente davam à mulher um tratamento de confinamento em sua própria casa, contribuíram para que as construções fossem realizadas de tal maneira que as ditas mulheres ficassem totalmente reclusas em suas residências para não serem alvo dos olhares masculinos que por ali passassem. O rigor patriarcal da ocasião era tanto, que até os quartos eram desprovidos de janelas –as alcovas– construídos no interior das casas para que, em hipótese alguma, as mulheres fossem assediadas. Até mesmo as mulheres de elite só podiam sair para as missas se fossem acompanhadas de suas mucamas ou parentes do sexo masculino. No século XVII, por exemplo, a casa era planejada para manter a família isolada e defendida. Quando um hóspede chegava, este era alojado em um quarto estrategicamente situado do lado de fora do corpo principal da casa, e com acesso independente, para preservar a vida íntima de seus moradores. Quanto ao mobiliário, este era escasso. Nos quartos das mulheres havia o catre, depois substituído pela cama, e um toucador. Aos homens cabia a rede, herança indígena (Donato, 2005).

No século XVIII, o hábito de se manter o viajante isolado da família permaneceu assim como a presença da alcova. Todavia, as construções já começavam a se apresentar mais compartimentadas e as salas de visitas, que eram construídas de cada lado da varanda ou alpendre, serviam de filtro para o acesso ao setor íntimo da residência. É interessante observar que, da mesma forma que era comum, nos primeiros tempos do período colonial os encontros se realizarem apenas em público –praças, câmaras ou igrejas– ou seja, haver um maior envolvimento das pessoas com as questões públicas, era comum que tal hábito se refletisse no interior das residências onde não havia necessidade de se delimitar os espaços sociais. Conseqüentemente, as pessoas pouco se preocupavam com a organização interna, o que favorecia a superposição de funções e, portanto, a não distinção entre os setores íntimo e social como o quarto e a sala. Em relação ao interior dos ambientes e ao mobiliário disponível, nos quartos urbanos havia uma

cama resguardada por cortinado, principalmente, nas casas mais abastadas, enquanto que nos espaços rurais as redes ainda eram usadas. Já, a sala de visitas contava sempre com a presença de um espelho emoldurado no centro da parede e de frente para a janela, assim como, a utilização de um tapete com sofá, também nesta direção, além de cadeiras.

Todavia, à medida que novos hábitos passaram a ser contemplados –principalmente a partir do momento em que a Corte portuguesa chegou ao Brasil, no século XIX– novas habitações começaram a apresentar setores específicos para atender às novas necessidades. Neste momento, receber um visitante passou a ser incentivado pela Corte e isso fez com que se criassem ambientes adequados para essa finalidade. A sala, no século XIX, passou a apresentar um cuidado maior voltado para as relações sociais e o quarto –em substituição à alcova– tornou-se o espaço mais fechado da residência, e, portanto, fechado para os estranhos. Para estes havia um quarto de hóspedes construído especialmente para recebê-lo, o que já sucedia desde os tempos coloniais. Obviamente que as camadas privilegiadas da população aderiram rapidamente aos novos hábitos e, com isso, passaram a estimular o surgimento de diversas áreas com funções específicas como: *hall*, recepção formal, sala de espera, sala de estar, sala de jantar, sala de jogos, *fumoir*, sala de música, escritório, gabinete, biblioteca, *boudoir*, entre outros ambientes. Conseqüentemente, a idéia de conforto doméstico começou a vigorar, assim como os critérios necessários para que os espaços se mostrassem funcionais e de fácil manutenção.

É interessante observar, também, como as mudanças de comportamento influenciaram e se refletiram inclusive na disposição interna do mobiliário que fazia referência à hierarquia patriarcal do século XIX. Embora fossem as mulheres as responsáveis pelos cuidados da casa, a tendência era atribuir uma configuração espacial com os móveis que deixasse claro quem era a figura mais importante daquele local. Desse modo, na sala de jantar, ao redor da mesa, ficavam as cadeiras para o senhor e os convidados; as demais pessoas da casa sentavam-se em mochos ou tamboretas. Somente nas casas mais abastadas havia cadeiras para todos. Na sala de visitas, o mobiliário era disposto de forma rígida, com o sofá posicionado no meio e, de cada lado deste, uma cadeira de braço. Já nos quartos –as alcovas– apresentavam uma cama posicionada no centro.

No século XX, novos comportamentos foram verificados, entre eles, o de se valorizar o corpo principal da casa como um espaço voltado para a intimidade da família. Isso também se refletirá nas habitações ao levar as salas de festas para fora das residências ou voltadas para o exterior conjugadas às varandas ou alpendres. Não será incentivada, neste século, a permanência de estranhos no interior do corpo da casa, pois ali é o espaço reservado ao convívio do indivíduo, sua família e seus familiares.

A própria valorização da segurança se tornará um requisito essencial que repercutirá também, nas mudanças de hábitos e favorecerá o encontro social em áreas privativas para festas. Desse modo, será assegurada a privacidade de seus moradores no interior de suas casas,

ao mesmo tempo em que se incentivarão os encontros sociais em espaços voltados para esta finalidade.

Avanços tecnológicos advindos do acesso à iluminação, do aquecimento e da utilização de eletrodomésticos também contribuirão para as mudanças de hábitos observadas neste século. A eletricidade, por exemplo, fará com que os ambientes adquiram novos arranjos quando do planejamento arquitetônico e dos interiores. Da mesma forma, o surgimento do rádio e da televisão contribuirá para que novos hábitos se desenvolvam, favorecendo a socialização entre os membros da família. No caso do rádio, este primeiro ocupou a sala e depois a copa. Para ouvi-lo os familiares se reuniam em volta da mesa para acompanhar as notícias e as rádonovelas. A televisão, por sua vez, quando surgiu necessitou de um espaço exclusivo para ela –tendo em vista que este aparelho exigia que as pessoas se reunissem em um mesmo espaço e ali permanecessem por muito tempo diante dele– o que fez com que surgisse um mobiliário confortável para as pessoas bem como um móvel adequado para o aparelho.

No interior das residências, haverá a tendência de se acumular funções nos setores íntimo e social –quarto e sala– ao usar estes espaços para realizar atividades variadas como estudar, repousar, trabalhar e receber. Mudanças de comportamento advindas destas atividades se refletirão inclusive na disposição interna do mobiliário. No caso do quarto, por exemplo, além da cama, outros móveis como mesa ou bancada de estudos e trabalho, além de cadeiras ou sofás para um descanso rápido ou um bate-papo íntimo serão incorporados à ambientação. Até a televisão passará a ser exclusiva, pois cada membro da família terá uma em seu próprio quarto.

A atividade profissional realizada em casa já é um procedimento comum contribuindo para superpor funções¹⁴ e criar espaços híbridos. Com o advento do microcomputador, a permanência prolongada fora de casa torna-se desnecessária, pois conversar, enviar relatórios e boletins técnicos, e até mesmo, participar de reuniões importantes será realizado através desta tecnologia – com a vídeo conferência.

Para atender àqueles que desejam realizar as atividades profissionais em casa –jovens empresários, pessoas de meia idade e solteiros que optaram por viver sem família e têm um bom padrão de vida– as construtoras passaram a investir em espaços integrados que favorecem o lado prático e funcional do dia-a-dia, o *loft*.

Conclusão

Os resultados obtidos com a pesquisa realizada permitem inferir que a evolução do quarto e da sala relaciona-se com as mudanças de hábitos de seus habitantes. Com o passar dos séculos observou-se que muitas mudanças na arquitetura e na organização dos ambientes residenciais ocorreram em decorrência da mudança de hábitos do brasileiro. Se nos primeiros tempos não havia a distinção entre quarto e sala, isto se deve, em parte, ao maior envolvimento das pessoas com as questões públicas e, obviamente, com os hábitos nômades daqueles que aqui chegaram para desbravar as terras brasileiras e, portanto, necessitavam de uma moradia provisória. À medida que novos hábitos passaram a ser contempla-

dos, cada mudança se refletiu na organização e setorização interna da casa, pois as habitações começaram a apresentar novos espaços destinados tanto ao repouso como à sociabilidade, com ambientes específicos como o quarto e a sala. O quarto ficou reservado à intimidade, enquanto a sala se destinou aos aspectos sociais. Com o incentivo da Corte portuguesa, outros espaços sociais com funções mais especializadas surgiram como o *hall*, a recepção formal, a sala de espera, a sala de estar, a sala de jantar, a sala de jogos, o *fumoir*, a sala de música, o escritório, o gabinete, a biblioteca, o *boudoir*, entre outros. Na atualidade, a superposição de funções –como estudar, trabalhar, receber e repousar– contribui para criar espaços híbridos –como o *loft*– lembrando os primeiros tempos do Brasil Colônia quando um único espaço edificado permitia diversas atividades. No que se refere ao *loft* –no Brasil, trabalha-se com a idéia de *loft*– a setorização dos ambientes pode ser feita pelo mobiliário que é organizado de maneira prática e funcional a fim de maximizar o dia-a-dia das atividades ali desenvolvidas.

Notas

- Uma curiosidade a respeito dessas moradias no nordeste brasileiro nos primeiros séculos de colonização é o de se denominar por “casa” cada um de seus compartimentos. “Era como se uma pessoa fosse dona de uma ‘morada de tantas casas’. Falava-se em ‘casa de dormir’, isto é, dormitório, em ‘casa de banho’, em ‘casa de fora’, ou melhor, quarto de hóspedes; nos engenhos, em ‘casa de purgar’” (Lemos, 1979, p.36).
*Purgar: [Do lat. purgare.] [...] 1. Tornar puro; purificar, limpar: purgar o açúcar bruto. p. 1419 (Ferreira, 1986, p. 1419).
- A cama representava riqueza, poder, prestígio. “Pelo norte foi importada e festejada ao penetrar a casa. No sul escasseou. Em 1620, na São Paulo [...] havia uma cama capaz de acomodar alta autoridade, e para esta foi requisitada [...]” (Donato, 2005, p. 141).
- Almeida, Aluísio de. Vida cotidiana da capitania de São Paulo. 1722-1822. São Paulo: Panmartz, 1975.
- Luccock, John. Notes on Rio de Janeiro and the Southern parts of Brazil, taken during a residence of ten years in that country from 1808 to 1818. Londres: [s.e.], MDCCCXX, p. 121.
- Publicado pelo jornal O Estado de São Paulo, em 05 de janeiro de 1975, p. 3, em comemoração aos 100 anos de publicação do primeiro número do suplemento feminino.
- Proclamação da República no Brasil: 15 de novembro de 1889.
- O autor faz referência às salas das casas do subúrbio o que nos leva a deduzir tratar-se de uma sala única nestas residências.
- “Até meados dos anos 90 eram encontradas placas escritas A.I.R. que significavam Artist in Residence em frente aos lofts novaiorquinos, que além de serem casas eram estúdios e até galerias de arte” (Martins, 2005).
- <<http://www.estiloies.com.br/casa.asp> >
- < <http://www.overflats.com.br/site/flats.shtml>>
- <<http://www.novomilenio.inf.br/real/ed107p.htm>>
- <<http://www.novomilenio.inf.br/real/ed107p.htm>>
- <<http://www.novomilenio.inf.br/real/ed107p.htm>>
- Na coluna de Eduardo Almeida Reis, “Falta o arcabuz”, de 2 de março de 2008, no caderno Gerais, do Estado de Minas, à página 26, o autor dá interessante depoimento sobre a superposição de funções na moradia. Diz: “Terminei a decoração do pequeno apescriptorio, neologismo que se aplica ao misto de apê (apartamento) e escritório. [...] No apescriptorio vige a decoração afetiva [...] não me agradaria morar numa casa idealizada e inteiramente decorada pelos arquitetos de interiores. Acho lindos seus projetos, gosto de visitar a Casa Cor, mas há coisas que não consigo entender: uma delas é o maldito cobreleito, com a choldrabortra (confusão, tumulto) das almofadas no quarto de dormir. [...] Os objetos da sala de estar do apescriptorio devem falar à alma do dono [...]”. Enfim, no parágrafo final o autor da coluna encerra dizendo: “meti-me na cabeça a idéia de que uma das paredes do escritório merece um arcabuz”.

Referências bibliográficas

- Algranti, L. M. Família e vida doméstica. In: Novais, F. A.; Souza, L. de M. Historia da vida privada no Brasil 1. Cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. cap. 3, p.83-154.
- Arquitetos se inspiram nos lofts e criam projetos para solteiros e descasados. In: Revista Isto é. Espaço aberto. [s.e.]. 18 jun 1997. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/comport/144617.htm>>. Acesso em 18/02/2008.
- Brito, Marilda Elizardo (Coord.). A vida cotidiana no Brasil moderno: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1880-1930). Rio de Janeiro: Editora Centro de Memória da Eletricidade no Brasil, 2001.
- Brito, Marilda Elizardo (Coord.). A vida cotidiana no Brasil nacional: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1930-1970). Rio de Janeiro: Centro de Memória da Eletricidade no Brasil, 2003.
- Construção. Em fase de execução o primeiro loft da Baixada Santista. In: Perspectiva. Ed. 107. abr. 2002. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/real/ed107p.htm>> Acesso em: 18/02/2008.
- Donato, Hernani. História de usos e costumes do Brasil. São Paulo: Melhoramentos. 2005.
- França, Júnia Lessa, Vasconcellos, Ana Cristina de. Manual para publicação técnico-científicas. 8ª edição. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2007.
- Freyre, Gilberto. Sobrados e mucambos. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- Lemos, Carlos A. C. Arquitetura brasileira. São Paulo: Melhoramentos. Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979.
- Martins, Rachel. O jeito novaiorquino de morar do carioca. In: Estilo Iesa. [s.e.], [s.l.] 08 dez. 2005. Disponível em: <<http://www.estiloies.com.br/casa.asp> > Acesso em 18 Fev 2008.
- Lofts um estilo de vida. In: Over Flats. A numero 1 em flats. [s.e.]. Disponível em: <<http://www.overflats.com.br/site/flats.shtml>> Acesso em: 18/02/2008.
- Purgar. In: Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 2 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 1419.
- Reis, Eduardo Almeida. Falta o Arcabuz. Estado de Minas, Belo Horizonte, 02 mar. 2008. Caderno gerais, p. 26.
- Vasconcellos, Sylvio de. Vila Rica: formação e desenvolvimento - Residências. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional do Livro, 1977.
- Vasconcellos, Sylvio de. Contribuição para o estudo da arquitetura civil em Minas Gerais. In.: Vasconcellos, Sylvio de. Sylvio de Vasconcellos: arquitetura, arte e cidade: Textos reunidos. Organização de Celina Borges Lemos. Belo Horizonte: BDMG, 2004, p. 23-28.
- Vasconcellos, Sylvio. A família mineira e a arquitetura contemporânea. In.: Vasconcellos, Sylvio de. Sylvio de Vasconcellos: arquitetura, arte e cidade: Textos reunidos. Organização de Celina Borges Lemos. Belo Horizonte: BDMG, 2004. p. 69-77.

- Veríssimo, F.S.; Bittar, W.S.M. 500 anos da casa no Brasil: as transformações da arquitetura e da utilização do espaço da moradia. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. cap. 5, p. 57-87.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com o apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

Ustane Moreira Puttini. Estudante da Escola de Design/Universidade do Estado de Minas Gerais - Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design e Ergonomia (ED/UEMG-CPqD); bolsista do CNPq-Brasil

Sônia Marques Antunes Ribeiro. Professora Mestre da Escola de Design/Universidade do Estado de Minas Gerais - Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design e Ergonomia (ED/UEMG-CPqD); pesquisadora e orientadora da pesquisa.

Estrutura da cadeia produtiva brasileira da moda

Sandra Regina Rech y Jane Iara Pereira da Costa

O presente artigo corresponde à introdução da minha tese de doutoramento em Engenharia de Produção, cujo objetivo foi a elaboração de um modelo conceitual de análise da competitividade para moda no elo confecção de sua cadeia produtiva, com enfoque nas micro e pequenas empresas do município de Florianópolis - Santa Catarina - Brasil.

O termo cadeia produtiva da moda expressa o sistema têxtil e de confecção que se configura como uma *filière*¹, governada pelo comprador e caracterizada por elevado grau de complementaridade, da qual depende boa parte do sucesso que o produto obtém no mercado. Representa 6% do comércio mundial e é um dos principais pilares da industrialização em muitos países pobres ou em desenvolvimento, por se constituir de unidades de produção intensiva sem vultosos custos iniciais. Para Kilduff et al. (2001), os setores têxtil e do vestuário dinamizam o cenário internacional e encontram-se à frente do processo de mudança estrutural da economia mundial.

“A indústria têxtil [e de vestuário] ocupa um papel histórico, pois se constitui como uma das atividades tradicionais na passagem da manufatura para a grande indústria” (Lupatini, 2004, p. 31). Um dos setores mais difundidos espacialmente em termos mundiais, é uma notável fonte de geração de emprego e renda para vários países, concentrando “5.7% da produção manufatureira mundial, 8.3% do valor dos produtos manufaturados comercializados no mundo e mais de 14% do emprego mundial” de acordo com dados da American Textile Manufacturers Institute - ATMI (Lupatini, 2004, p. 34). Portanto, este texto, parcela deste estudo maior, aborda a complexidade da cadeia produtiva da moda que engloba diversos setores produtivos, desde as atividades manufatureiras de base até os serviços avançados de distribuição; e, apresenta certas especificidades: heterogeneidade estrutural e tecnológica; segmentação produtiva; relações de subcontratação; bifurcação entre as atividades produtivas (materiais) e as funções corporativas (imateriais).

Atualmente, atravessa um período de profundas mudanças face ao processo de globalização e a abertura de novos mercados. Os componentes mais sensíveis destas

transformações são o deslocamento da produção devido aos custos operacionais; a exasperação da concorrência; a redução do ciclo de vida dos produtos de moda²; o incremento veloz das tecnologias e modificações complexas na estrutura dos mercados. O exame desta nova conjuntura mundial é essencial para a formatação de ações pró-competitividade que se alicerçam, basicamente, no emprego de um grupo de elementos dinâmicos que assegurem a obtenção de vantagens comparativas sólidas frente às novas exigências mercadológicas.

Cadeia produtiva da moda

A cadeia produtiva da moda é constituída de diversas etapas produtivas inter-relacionadas, cada uma com suas especificidades e que contribuem para o desenvolvimento da fase seguinte.

A cadeia [produtiva da moda] pode ser segmentada em três grandes segmentos industriais, cada um com níveis muito distintos de escala. São o segmento fornecedor de fibras e filamentos químicos que, junto com o de fibras naturais (setor agropecuário), produz matérias-primas básicas que alimentam as indústrias do setor de manufaturados têxteis (fios, tecidos e malhas) e da confecção de bens acabados (vestuário, linha lar, etc) (IEMI, 2001, p. 46).

Na esfera do processo produtivo são considerados os seguintes estágios: (a) produção da matéria-prima, (b) fiação, (c) tecelagem, (d) beneficiamento / acabamento, (e) confecção, (f) mercado.

- **Produção da matéria-prima:** a primeira fase da cadeia produtiva da moda diz respeito às fibras e/ou filamentos que serão preparados para a etapa da fiação. Compreende o processo químico-físico de extrusão (fibras químicas - artificiais e sintéticas) e a produção agrícola (fibras naturais vegetais) ou pecuária (fibras naturais animais);
- **Fiação:** reporta-se à produção de fios;
- **Tecelagem:** os tecidos são obtidos através de processos técnicos diferentes, que são a tecelagem de tecidos planos, a malharia (circular e retilínea) e a tecnologia de não-tecidos;
- **Beneficiamento/Acabamento:** compreende uma série de operações que outorga propriedades específicas ao produto;
- **Confecção:** esta é a fase capital da elaboração de peças confeccionadas e abrange a criação, a modelagem, o enfiado, o corte, a costura e o beneficiamento do produto;